

# ISSO É DE MENINA OU DE MENINO: ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NOS ESPAÇOS DA PRÉ-ESCOLA

*THIS IS A GIRL OR A BOY: GENDER STEREOTYPES IN PRE-SCHOOL SPACES*

Mayara Riffel <sup>1</sup>  
Jessiel Odilon Junglos <sup>2</sup>

**RESUMO:** As questões de gênero estão frequentemente sendo discutidas e vivenciadas nos dias atuais. A escola, como espaço de interação e aprendizagem, reflete em seu currículo essa transformação social. Neste contexto a brincadeira e o faz de conta são aspectos significativos em que a criança explora a imaginação e sua criatividade. O brincar disciplinado e seus espaços bem organizados, possibilitam para a criança o desenvolvimento de sua autonomia e a construção de sua identidade. Nesse sentido, essa pesquisa tem como objetivo geral analisar como os espaços de educação infantil influenciam o brincar da criança em três escolas da Rede Municipal de Guabiruba – SC, e como objetivos específicos mapear os espaços de educação infantil levantando suas principais características físicas e metodológicas, bem como discutir como a disciplinarização do brincar influencia as subjetividades das crianças através das questões de gênero. Com o intuito de atingir tais objetivos foi realizado uma pesquisa de campo. Os instrumentos para a produção dos dados consistiram em observação, registros em diário de campo, fotografias e entrevistas com professoras. O espaço e as condições na qual a criança está inserida são influências que atingem seu desenvolvimento e até mesmo seus comportamentos. A criança pode ser impossibilitada de desenvolver suas potencialidades pelo ambiente não permitir que ela explore sua identidade. A valorização do brincar, proporciona para criança a capacidade de expressar-se de maneira livre sem o julgamento estereotipados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estereótipos. Gênero. Identidade. Espaços. Educação Infantil.

**ABSTRACT:** *Gender issues are often being discussed and experienced today. The school, as a space for interaction and learning, reflects in its curriculum this social transformation. In this context play and pretending are significant aspects in which the child explores the imagination and its creativity. The disciplined play and its well organized spaces allow the child to develop his autonomy and build his identity. In this sense, this research has as general objective to analyze how children 's education spaces influence the play of the child in three schools of the Municipal Network of Guabiruba - SC, and as specific objectives to map the spaces of early childhood education raising its main physical and methodological characteristics, as well as discuss how the disciplining of play influences the subjectivities of children through gender issues. In order to achieve these objectives a field research was carried out. The instruments for the production of data consisted of observation, records in field diaries, photographs and interviews with teachers. The space and conditions in which the child is inserted are influences that affect his development and even his behaviors. The child may be unable to develop its potential because the environment does not allow it to explore its identity. The valorization of play, provides for the child the ability to express himself freely without stereotyped judgment.*

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia (20015) pelo Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE). Email: mayara.riffel0@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Educação (2018) e graduado em Pedagogia (2015) pela Universidade Regional de Blumenau (FURB). Email: jessiel.odilon@gmail.com

**KEY-WORDS:** *Stereotypes. Genre. Identity. Spaces. Child education.*

## **1 INTRODUÇÃO**

Por fazer parte do universo infantil, quando pensamos em crianças uma das imagens que rapidamente vem à mente, é a relação dela com o ato de brincar. Desde que são bebês, às incentivamos e queremos, mesmo que involuntariamente, chamar sua atenção para o brincar. O simples fato de fazer careta para que riem, ou então de dar um chocalho para sacudirem podem ser entendidos como brincadeiras carregadas de estímulos. Ao ingressarem na escola um novo espaço de interação é apresentado para a criança, interação essa que proporciona novas aprendizagens, novos estímulos e conseqüentemente novas possibilidades de explorar o mundo por meio das brincadeiras. Na educação infantil, primeira etapa da educação básica, é quase impossível não vincular a criança ao ato de brincar. Nesta etapa, as propostas e estímulos habitualmente ocorrem de forma lúdica: brincadeiras, cantigas, contações de histórias; fazem parte do cotidiano

O brincar, independente do espaço que a criança está inserida, possibilita para ela a descoberta do mundo por meio da imaginação, do faz de conta. Mediante a brincadeira a criança cria possibilidades, interpreta papéis, explora sua criatividade e muitas vezes representam suas próprias vivências. De acordo com Lee (1977) apud Moyles (2002, p. 37) “o brincar é a principal atividade da criança na vida; através do brincar ela aprende as habilidades para sobreviver e descobre algum padrão no mundo confuso em que nasceu”. Desta forma, podemos considerar que o brincar contribui de forma significativa para o desenvolvimento integral da criança, tanto nos aspectos físicos, sociais, culturais, afetivos, emocionais e cognitivos. Ou seja, é base construtora da autonomia da criança, em que ela explora o mundo ao seu redor. Impossibilitar uma criança de brincar, tira dela o direito de explorar, de progredir e principalmente de se conhecer.

Com pesquisas de diferentes pedagogos como Friedrich Fröebel, Maria Montessori e Ovide Decroly, rompe-se o modelo educacional que era vivenciado até então na pré-escola e nasce uma escola nova, voltada a uma educação sensorial, por meio de jogos e materiais didáticos (WAJSKOP, 1997). Desta forma, é importante ressaltar, que o brincar na escola não é um momento apenas para “passar o tempo”, desmistificando assim a visão errônea do brincar apenas por brincar. O brincar na escola está associado à liberdade da infância, em que se rompe a criança de paradigmas pré-estabelecidos. O brincar possibilita a liberdade de expressão da criança, de fazer experiências, de se relacionar. Portanto, a valorização do brincar na escola deve ser tão importante.

O brincar na escola não remete somente as brincadeiras livres, em que crianças escolhem seus próprios brinquedos e criam histórias e enredos a partir de suas vontades ou imaginação. O brincar na escola é peça chave para a aprendizagem. Aprender de forma lúdica a fazer contas e a conhecer o mundo letrado, por exemplo, dão mais significado á prática cotidiana. A ludicidade por trás das metodologias de ensino, fazem parte do currículo e contribuem para que os objetivos de cada faixa etária sejam alcançados. Por volta dos 3 a 6 anos a criança vai ampliando a sua visão de mundo, e, seguindo pensamentos de Vygotsky e o conceito de Zona de Desenvolvimento proximal, a brincadeira pode assumir o papel de ensino/aprendizagem, em que a criança aprende brincando.

Entende-se também, que o brincar reflete os aspectos culturais e históricos de uma determinada sociedade; portanto o brincar passa a ser uma forma em que a criança se manifesta culturalmente. Dentro dessa visão, há pré-conceitos fortemente estabelecidos em torno da sociedade que envolvem questão de raça, etnia, religião, e também as questões de gênero. As diferenças ou até mesmo as semelhanças no brincar de meninos e meninas podem ser vistas nos grupos infantis de forma clara, e muitas vezes esses comportamentos são julgados pelos observadores adultos.

Por volta dos 5 ou 6 anos de idade, as ideias das crianças sobre o que é apropriado a cada sexo podem parecer preocupantemente exageradas para o adulto, mas esse parece ser um estágio passageiro. As crianças não são “esponjas” que absorvem estereótipos – elas experimentam papéis e ideias, a fim e categorizá-los e compreender o mundo e o seu próprio lugar nesse mundo. (MOYLES, 2006, p. 50-51).

Numa sociedade como a nossa, sexista, é comum o brincar ser dividido em brincadeiras para meninos e brincadeiras para meninas. É considerado normal escutarmos que menina brinca de boneca e menino brinca de carrinho, ou então que menina usa rosa e menino usa azul. Essas concepções estão vinculadas a questões históricas e que muitas vezes são reforçadas por meio das mídias. Assim como enfatiza Moyles, (2006, p. 51)

muitos estudos e relatos de pesquisa incluíam explicações sobre a suposta influência de brinquedos, jogos, e televisão e sobre como essas influências se manifestavam no brincar infantil. Numerosos estudos [...] concluíram que o brincar infantil reflete os padrões da socialização das crianças para papéis sexuais estereotipados.

Contudo podemos considerar que, o brincar sofre diversas influências. Essas influências podem ser observadas no contexto escolar, uma vez que a interação das crianças entre si ou com os brinquedos expressam o seu pensar e sua visão de mundo.

Dessa forma, o presente artigo questiona como os espaços de educação infantil influenciam o brincar da criança com base nas questões de gênero em três escolas da Rede Municipal de Guabiruba – SC? Tendo como objetivo geral analisar como os espaços de

educação infantil influenciam o brincar da criança com base nas questões de gênero em três escolas da Rede Municipal de Guabiruba – SC. A pesquisa aponta como objetivos específicos mapear os espaços de educação infantil de três pré-escolas de Guabiruba, levantando suas principais características físicas e metodológicas; bem como, discutir como a disciplinarização do brincar influencia as subjetividades das crianças através das questões de gênero.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 A DIFERENÇA NO COTIDIANO**

Culturalmente, vivemos em uma sociedade em que os gêneros tem papéis e funções produzidas e delimitadas. Por mais que os dias atuais refletem e vivem outros padrões, ainda se tem a influência de pensamentos tradicionais em que as mulheres são destinadas ao cuidado da casa e os homens ao trabalho para o sustento da família. Se essa for uma situação vivenciada pela criança e seus pais, ela poderá refletir isso em suas práticas e brincadeiras.

Nessa concepção a criança pode considerar que se for menino ele terá que procurar brincadeiras voltadas ao trabalho; evitando as brincadeiras que envolvem aspectos domésticos, como casinha ou comidinha. “Desde muito cedo, aprendemos que existem modos considerados ‘apropriados’ de ser homem e de ser mulher. Aprendemos isso de diferentes formas e em varias instâncias, entre elas a escola” (PARAÍSO, 2010, p.31).

Esses conceitos estão impregnados em nossa sociedade de forma natural, de maneira involuntária criasse um padrão classificando as coisas e até pessoas como normais, o que foge disso já é visto com outros olhos. “Esse padrão está presente explícita ou implicitamente nos manuais, nos discursos, nas políticas curriculares e nas práticas [...]” (LOURO, 1997, p. 138). Com toda essa influência geram uma categorização de diferença entre os gêneros, daquilo que julgamos ser “normal” para cada sexo.

Essa classificação de gêneros é habitual e se alastra no núcleo escolar. Em muitos momentos, baseado em nossas próprias vivências como escola, implantamos atos regulatórios, querendo controlar o que é certo ou errado para meninas e meninos. Incorporamos currículos e práticas que enfatizam a diferença entre os gêneros e não suas potencialidades. Paraíso (2002 apud LOURO, 2010, p.33) afirma que

em relação aos currículos e práticas escolares vêm sustentado uma noção singular, um modo adequado e “normal” de masculinidade e de feminidade, além de uma única forma sadia e normal de sexualidade, a heterossexualidade.” Logo, a escola como espaço de convívio social, acaba refletindo muitas vezes padrões estabelecidos do que é certo ou errado.

Essa reflexão é oriunda ao que vivemos na sociedade. Tudo que é diferente do que estamos habituados a viver, a ver e escutar nos remete a um certo incomodo, a um pré-conceito.

Olhamos para a variedade de coisas existentes, comparamos as coisas entre si e delas extraímos diferenças e semelhanças. E ainda mais: costumamos “esquecer”, anular as diferenças para identificar as coisas, sintetizar, dizer o que é “essencial” de um currículo. Classificamos, fazemos tipologias. (PARAÍSO, 2010, p.19).

A subjetividade está fortemente ligada com a identidade. Ao construir nossa subjetividade, buscamos nossas preferencias, selecionamos o que nos faz bem e o que nos é importante; todos estes aspectos são incorporando a nossa identidade.

Aquilo que somos, aquilo que entendemos e principalmente aquilo que acreditamos faz parte da identidade. Desde crianças estamos construindo, desconstruindo e reconstruindo nossa identidade, nossas escolhas e comportamentos vão nos atravessando. Porém, a diferença é vista como algo negativo, como algo fora de um determinado padrão. Esquecemos de fazer a reflexão de que a diferença é o que torna cada um singular. A subjetividade de cada indivíduo é o que o torna único, sujeito regado de histórias, vivências, virtudes, experiências e sentimentos. É preciso ter uma visão e compreensão desta subjetividade, e não apenas uma classificação do que é ser diferente. O brincar infantil faz parte dessa construção de identidade, sendo um momento significativo em que as crianças de maneira livre trocam experiências, vivenciam situações e demonstram suas preferências.

## 2.2 O CURRÍCULO E O CONCEITO DE GÊNERO

O currículo como base organizacional do processo de educação é um processo em movimento, o que gera uma seleção que busca modificar as pessoas. O currículo escolar resplandece o que é vivenciado no meio à qual está inserido.

É certo que um currículo é também povoado por buscas de ordenamentos (de pessoas e espaços), de organizações (de disciplinas e campos), de sequenciações (de conteúdos e níveis de aprendizagens), de estruturações (de tempos e pré-requisitos), de enquadramentos (de pessoas e horários) de divisões (de tempo, espaço, áreas, conteúdos, disciplinas, aprendizagens, tipos, espécies...). Isso tudo porque o que esta em jogo em um currículo é a construção de modelos de vida, a tal ponto que a vida de muitas pessoas depende do currículo. (PARAÍSO, 2010, p.15)

Conforme ocorrem as mudanças o currículo também sofre influencias afim de criar uma ordem social para se seguir normas, instituições e costumes atendo as necessidades de um determinado tempo/espaço. Desta forma, conforme a transformação da sociedade e as mudanças nela ocorrida, as questões de gênero que estão imersos em nosso cotidiano são pertinentes e fazem parte desse currículo.

Desta forma o currículo da Educação infantil, por visar o desenvolvimento integral da criança, se preocupa em ter em sua estrutura aspectos voltados a questão de gênero. No Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) a preocupação com a questão do gênero é logo reforçada em sua apresentação, afirmando que os

[...] volumes pretendem contribuir para o planejamento, desenvolvimento e avaliação de práticas educativas que considerem a pluralidade e diversidade étnica, religiosa, de gênero, social e cultural das crianças brasileiras, favorecendo a construção de propostas educativas que respondam às demandas das crianças e seus familiares nas diferentes regiões do país. (BRASIL, 1998, p. 9)

A preocupação com a questão da diversidade, com as diferentes possibilidades, faz com que alguns currículos incorporem em suas práticas valores que não discriminem, mas que valorizem essas pluralidades; incluindo a diversidade de gênero.

No currículo em ação, em que são vivenciadas as práticas a partir do que está teoricamente escrito, é importante ter uma preocupação ainda maior com a classificação de gênero. No cotidiano da sala de aula, no meio do convívio social entre as trocas de experiências a identidade de gênero pode sofrer interferências tanto positivas como negativas.

No que concerne a identidade de gênero, a atitude básica é transmitir, por meio de ações e encaminhamentos, valores de igualdade e respeito entre as pessoas de sexos diferentes e permitir que a criança brinque com as possibilidades relacionadas tanto ao papel de homem como ao da mulher. Isso exige uma atenção constante por parte do professor, para que não sejam reproduzidos, nas relações com as crianças, padrões estereotipados quanto aos papéis do homem e da mulher, como, por exemplo, que à mulher cabe cuidar da casa e dos filhos e que ao homem cabe o sustento da família e a tomada de decisões, ou que homem não chora e que mulher não briga. (BRASIL, 1998, p.43)

O papel do professor nesse contexto é de mediar suas práticas a fim de não gerar uma classificação de gênero, mas sim de estimular a criança a aguçar a sua criatividade, a fazer experiências que estimulem a busca de sua identidade por meio do brincar. A Proposta Curricular de Santa Catarina (1998, p. 21) afirma que

precisamos compreender os papéis de gênero enquanto aquisições culturais e que, por isso mesmo, podem e devem ser superadas, dando significado à cooperação e à busca pela igualdade entre os gêneros. São manifestações que precisam ser trabalhadas em inúmeras atividades e situações do cotidiano escolar.

Para se ter uma compreensão ainda mais ampla das questões de gênero vivenciada pelas crianças em determinado espaço, os norteadores curriculares trazem à tona questões pertinentes a realidade em que a criança está inserida. Para tanto, encontramos nas Diretrizes Curriculares do Município de Guabiruba (2017, p. 39), o objetivo geral da educação infantil é de

estimular a criança com propostas desafiadoras, respeitando e valorizando as especificidades de cada etapa de desenvolvimento, mediando seu contato com atividades diferenciadas e contextualizadas, na busca constante de sua autonomia, levando em consideração as suas experiências, diversidade cultural, social, econômica, dentro do processo ensino-aprendizagem, ampliando seu conhecimento de mundo, numa atmosfera prazerosa e significativa, desenvolvendo atitudes e comportamentos de participação, cooperação, solidariedade, respeito e tolerância, visando ao seu desenvolvimento integral, como ser único e sujeito de direitos e deveres.

Para atender a esse objetivo são apresentadas tabelas curriculares para cada faixa etária da educação infantil; que são compostas por objetivos de aprendizagem, campos de experiências, estratégias/orientações didáticas, recursos e gêneros discursivos. Dentro dessas tabelas são encontrados eixos que caracterizam a importância do brincar e as representações de papéis. Como apontado em um dos objetivos do Pré III que é “brincar de faz de conta assumindo diferentes papéis, criando cenários e tramas diversas que permitem significar e ressignificar o mundo social.” (GUABIRUBA, 2017, p.72).

Tendo essas bases curriculares, podemos compreender que a questão de gênero é algo presente da realidade escolar e se torna parte do currículo que constrói a identidade da escola.

## 2.3 ESPAÇOS EDUCACIONAIS

Em uma unidade escolar os espaços que ela possui fazem parte do seu currículo e dizem muito a respeito de sua organização e proposta pedagógica. Um ambiente favorável, que leva em conta as necessidades e os interesses das crianças proporciona mais segurança e possibilidade de explorar sua imaginação, criatividade e identidade.

A personalização de espaços e objetos é elemento crucial no desenvolvimento da identidade pessoal – não nos vemos como indivíduos soltos no espaço, em vácuo, mas como indivíduos que vivem em determinado momento histórico-social, morando em certos lugares e possuindo certos objetos. (OLIVEIRA, 1996, p. 109).

A maneira como a escola e o professor organizam os espaços geram influências sobre o agir e até mesmo o pensar da criança. Neste contexto, é preciso analisar se espaços educacionais e brinquedos são pensados e organizados para um todo, e não para um determinado gênero. Como exemplo concreto podemos destacar que é normal ter nas escolas, um espaço denominado “casinha”.

O canto da casinha é, em grande parte, um domínio feminino e as crianças frequentemente assumem papéis estereotipados quando nele entram. As meninas gostam de encenar histórias e situações. Entretanto os meninos parecem não gostar de se submeter as meninas nesse contexto [...] (D'ARCY apud MOYLES et al, 2006, p. 53).

É preciso propiciar às crianças pensar em diferentes espaços de vivência de modos distintos. Portanto, em uma semana o espaço da casinha pode se tornar uma oficina mecânica, em outro um supermercado, posteriormente em um escritório. Para que assim, tanto meninos e meninas se envolvam no brincar de faz de conta, sem o rótulo de que cada espaço é destinado a um determinado gênero. A exploração dos espaços e as diferentes possibilidades permitem, que todas as crianças participem das brincadeiras, aguçando sua imaginação por meio do faz de conta.

Os espaços devem ser organizados para garantir o bem-estar de cada indivíduo, bem como favorecer relacionamentos e interações. Nesta organização os professores têm a necessidade de ampliar seu olhar, tendo a percepção que não somente a sala de aula é lugar de aprendizagem, mas sim que, há lugares que podem ser considerados extensões da sala de aula. O conhecimento deve ser construído em amplitude, e há diferentes espaços que podem ser explorados para que essa amplitude do conhecimento tome forma.

### **3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A presente pesquisa se classifica como pesquisa qualitativa, no campo da educação, especificamente na área da educação infantil. Na pesquisa qualitativa são envolvidas interpretações e percepções da criança com o mundo.

As pesquisas que se utilizam da abordagem qualitativa possuem a facilidade de poder descrever a complexidade de uma determinada hipótese ou problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos experimentados por grupos sociais, apresentar contribuição no processo de mudança, criança ou formação de opiniões de determinados grupos e permitir, em maior grau de profundidade, a interação das particularidades dos comportamentos ou atividades dos indivíduos. (OLIVEIRA, 1997, p. 117).

A pesquisa também se caracteriza como exploratória, pois o pesquisador consegue se aproximar do universo do objeto de estudo, levantando informações e características; sem julgar quais são certas ou erradas, mas sim tendo como intuito apresentá-las. De acordo com Gil (2002, p. 41).

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições.

A pesquisa foi desenvolvida em três escolas municipais da Rede Municipal de Ensino de Guabiruba – SC; visando analisar os espaços e investigar como o brincar é disciplinado a

partir de estereótipos de gênero. A pesquisa abrangeu os espaços externos e internos dessas três instituições, tendo um enfoque maior para os destinados as crianças da pré-escola.

Para a produção dos dados foram realizadas observações, sendo feitos registros em diário de campo composto por textos e imagens. “Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo”. (GIL, 2002, p.53). Como facilitador desse processo, foi utilizado um diário de campo para registros escritos e fotografias para registro de imagens. Os registros escritos abordavam principalmente as questões referentes ao ato de brincar e interação entre as crianças. Portanto, buscou-se principalmente os detalhes a respeito da interação das crianças nos ambientes coletivos, a organização a divisão desses espaços, como as crianças interagem ao brincar e como isso estava refletido nos espaços. Já os registros fotográficos tinham como foco os espaços, seus mobiliários, o modo como era organizado as salas, as atividades expostas, os cantos e brinquedos.

Os espaços foram o foco da observação levando em consideração suas manifestações, aspectos e características. Porém, para se ter uma compreensão mais ampla de como os espaços eram utilizados e de como ocorre o disciplinar das brincadeiras foi pertinente se ter uma visão de dentro desses espaços. Desta forma também fizeram parte da pesquisa por meio de uma entrevista três professores regentes da pré-escola, sendo um de cada escola. A entrevista era semiestruturada, com um roteiro pré-estabelecido tendo como enredo, perguntas a respeito do brincar infantil e de questões de gênero. Como recurso utilizou-se um gravador.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Durante todo o período de realização da pesquisa, por abordar a área da educação infantil e seus espaços buscou-se ao máximo levar em consideração, na análise e busca de dados, os âmbitos de experiências que estão apontado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010), que englobam como eixos curriculares que devem fazer parte da prática pedagógica: a interação e a brincadeira. Entende-se que ambos os eixos são fundamentais no desenvolvimento integral da criança e são contribuintes para a formação da subjetividade de cada ser, pois, por meio desses eixos é possível garantir que as crianças

promovam o conhecimento de si e do mundo, por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos das criança”.(BRASIL, 2010, p.25)

Tendo essa preocupação no desenvolvimento da criança é que se estabelece o objetivo de analisar como os espaços de educação infantil influenciam o brincar da criança, principalmente, com base nas questões de gênero. Os espaços da escola e por consequência sua organização e rotina, são agentes que contribuem diretamente para que ocorra a interação da criança de forma social e com o mundo em que ela está inserida. Sendo levado em considerações as manifestações, aspectos e características desses espaços, tanto físicos como metodológicos. Nesse contexto, a análise dos espaços abordou os aspectos dos espaços da escola de forma estrutural e sua amplitude, dos espaços coletivos utilizados pelas crianças da pré-escola, e dos espaços da sala de cada turma da pré-escola.

Com a intenção de criar instrumentos de registro para destacar as características observadas utilizou-se o registro fotográfico e o diário de campo. Destaca-se aqui que o registro fotográfico foi de extrema relevância para se ter um entendimento da organização escolar. Ao fotografar nos preocupamos em registrar detalhes, que muitas vezes a olho nu, e na correria diária não nos atracam. A ficha do nome das crianças colados em painéis de chamada, os brinquedos organizados na estante, as cores predominantes em determinados espaços; são detalhes que muitas vezes revelam muito sobre o que se têm e o que se cria naquele espaço. Em momento algum as fotografias foram ou serão utilizadas para julgar, mas sim para se ter um olhar mais minucioso do que é o oferecido e expressado naquele ambiente.

A primeira preocupação na concretização da pesquisa foi de se atentar e conhecer os espaços de cada unidade escolar. O primeiro destaque observado correspondeu aos espaços físicos das escolas que eram distintos. O tamanho da escola geralmente correspondeu a sua totalidade de crianças. A instituição com mais demanda possuía maior tamanho em área, com mais salas e turmas de pré-escola tendo um total de oito turmas. Também havia mais espaços coletivos, como pátios, campos e quadra. A com menor número de crianças possuía um espaço menor destinados as salas, sendo três destinadas a pré-escola, atendendo a cinco turmas. Porém, possui um espaço amplo para o campo de areia. A instituição considerada de porte médio é a que tinha menor espaço em área plana, necessitando de dois pisos para comportar as salas, sendo que três eram salas da pré-escola, atendendo também cinco turmas.

O segundo foco voltado a questão dos espaços foi direcionado aos ambientes coletivos em que as crianças da pré-escola tinham por hábito frequentar, sendo destaque o pátio, o refeitório e o parque. Com relação aos pátios percebe-se que eles são usados de forma similar nas três instituições. Foi muito explorado pelas crianças na hora do recreio, se tornando o momento livre das crianças. É nesse momento que as crianças de diferentes faixas etárias se relacionam entre si, criando grupos de proximidades.

Percebeu-se que em todas as escolas observadas há um padrão de comportamento e de brincadeiras. Geralmente as crianças mais novas brincam de forma homogênea. Já as crianças mais velhas, que possuem cerca de seis anos, se dividem em grupos separados por gêneros, sendo muito utilizada a brincadeira de pega-pega em que meninas costumavam correr atrás de meninos. Percebe-se, que algumas ações comportamentais fazem parte da realidade escolar “durante os anos da educação infantil, observa-se uma crescente e acentuada orientação e preferência pela relação com outros meninos e meninas, chamados genericamente de “iguais ou pares”. (PALACIOS; PANIAGUA, 2007, p.77).

No espaço dos parques procurou-se levar como critério sua estrutura física, levando em consideração os brinquedos oferecidos. Em todas as três unidades haviam parques destinados a pré-escola. Em uma delas havia poucos brinquedos como pneus, balanço e caixa de areia. Nas outras duas havia uma maior quantidade de brinquedos: escorregador, gangorra, gira-gira e pegadores para se pendurar. O brinquedo com mais destaque era o balanço, tendo uma maior quantidade nos três espaços. Em duas delas também havia uma casinha de madeira, pintada nas cores rosa e azul, porém sem nenhum material dentro. Não havia uma predominância de cor, todos os parques eram visivelmente bem coloridos.

No refeitório a organização era feita de dois modos, ou as crianças realizavam filas e buscavam a comida no *buffett* ou eram servidas na mesa. O maior destaque apontado, ficou por conta da organização da divisão das mesas. Em uma das instituições eram disponibilizados duas mesas do refeitório para cada turma da pré-escola, já nas outras duas apenas uma para cada sala. Na escola com duas mesas para cada turma observou que duas professoras têm por hábito a divisão por gênero, em que meninas sentam em uma das mesas e os meninos em outra, e as outras duas turmas se acomodam de acordo com suas preferências. Muitas vezes essas manifestações involuntárias reforçam a influência que cada gênero deve conviver com o mesmo gênero.

Por meio de normas, comportamentos, atividades, histórias, músicas, atitudes, organização espacial, arquitetura, controle do corpos infantis etc., estratégias e táticas que regulam a manifestação de alguns comportamentos considerados inadequados em relação à sexualidade no espaço da escola são ensinados. (PARAÍSO, 2010, p. 31)

O terceiro enfoque nos espaços foi destinado as salas da pré-escola e de como elas são organizadas, levando em consideração seus móveis e objetos, principalmente os aspectos voltados a linguagem visual, como painéis e cores.

Ao total foram analisadas dez salas das três instituições abordadas. A organização da sala e seu contexto é feita exclusivamente pela professora regente de cada turma e geralmente é com base na temática que está sendo estudada. Tendo como exemplo em uma das salas se

estava estudando histórias infantis, tendo então a predominância de personagens de histórias e cartazes de castelos. Em todas as salas há carteiras e cadeiras para o uso das crianças. Em duas salas as carteiras eram individuais, porém organizadas em grupos, já nas demais as carteiras eram coletivas tendo de quatro a oito lugares. Em todas as salas as crianças eram organizadas em grupos mistos. Em duas salas as cadeiras eram indicadas com o nome da criança ou a letra inicial.

Nos espaços notou-se que há algumas semelhanças de organização e alguns distanciamentos. Em todas as salas haviam um registro (quadro/painel) para a rotina do dia e um de chamada com fichas dos nomes. O diferencial ficava por conta da organização. Em uma das salas percebeu-se a predominância das cores azul e rosa para um cartaz da chamada, em que no cartaz rosa estavam o nome das meninas e no cartaz azul estavam o nome dos meninos. Outro aspecto visível em cinco salas, correspondem a organização das atividades das crianças em saquinhos pendurados nas paredes com os nomes de cada criança. Os sacos eram feitos com panos e bem coloridos, porém a ficha do nome das crianças, em duas dessas salas eram separadas por cores, meninos de uma cor e meninas de outra. Como afirma Horn (2004, p.15) “O modo como organizamos materiais e móveis, e a forma como crianças e adultos ocupam esse espaço e como interagem com ele são reveladores de uma concepção pedagógica”.

Uma organização padrão em todas as salas corresponde a arrumação das estantes de brinquedos. Ambas as salas haviam estantes destinadas aos brinquedos, e toda a prateleira era classificada para algum tipo de brinquedo, tendo o espaço para jogos, o espaço para os carrinhos, para as bonecas e ursos, e potes para guardar peças de encaixe. Algumas salas ofereciam também outros potes com loucinhas, ferramentas, bichinhos, telefones e roupinhas. Em duas salas reparou-se que haviam caixas com brinquedos diversos misturados. O maior destaque observado nas salas foi a produção e os trabalhos expostos das crianças, sendo que em todas elas havia algo colado na parede feito pelas crianças e de acordo com as temáticas estudadas.

A observação e o registro fotográfico possibilitou fazer o mapeamento da organização e das informações passada pelos espaços, tendo uma premissa do que a criança tem acesso em seu cotidiano, de como ela está inserida nesse espaço e o quão isso pode refletir em seu conhecimento e interação. Para se ter uma compreensão e uma visão mais ampla e aprofundada de dentro dos espaços, afim de assimilar e discutir como a disciplinarização do brincar influencia as subjetividades das crianças através das questões de gênero, optou-se pela realização da entrevista com professoras regentes de turmas da pré-escola.

A entrevista foi realizada com três professores regentes das escolas participantes, tendo em seu enredo doze perguntas semiestruturadas voltadas: ao perfil do professor; a organização da sala e de seu planejamento e o brincar infantil.

O primeiro aspecto abordado foi com relação ao perfil de cada professor, destacando sua formação e o tempo de atuação na pré-escola, bem como o perfil da turma lecionada pelo regente. Para tanto, três perguntas foram direcionadas a esse aspecto, sendo 1) Qual a sua formação? 2) Há quanto tempo você trabalha com crianças da pré-escola? 3) Quantas crianças você tem em sala de aula e? Qual a faixa-etária delas?

Nesse primeiro aspecto apontado as três entrevistas possuem graduação em pedagogia, sendo que duas já estão cursando sua segunda pós-graduação. Todas as três entrevistadas possuem experiência na área de atuação sendo que uma está oito anos na educação infantil, outra a sete e uma a cinco anos. Isso mostra que as professoras possuem um conhecimento amplo sobre objetivos para as crianças de educação infantil, bem como possuem uma concepção dos conceitos de brincar e da organização dos espaços. Sobre as turmas que estão atuando no momento, apresentam diferença na faixa etária, abrangendo crianças de três a seis anos. A quantidade de crianças na sala também varia, tendo turmas com trezes crianças até turmas com vinte crianças.

A rotina e o planejamento diário são aspectos significativos e influenciadores no desenvolvimento da criança. É por meio dessa organização que ocorrem a construção dos métodos e processos pedagógicos para se consolidar a aprendizagem. Para tanto, em cinco perguntas buscou-se compreender como ocorre esse processo e quais as propostas são incluídas na prática pedagógica. Sendo elas: 4) Como é sua rotina diária com as crianças? Quais porpostas você costuma incluir em sua prática pedagógica? 5) Como você organiza seu trabalho/prática pedagógica? 6) Você costuma utilizar diferentes espaços para a concretização de suas práticas pedagógicas? 7) Quais espaços da escola as crianças costumam mais utilizar? 8) Como você organiza os espaços/cantos da sala?

Sobre a rotina, as abordagens apresentadas pelas professoras são semelhantes, todas incluem em suas práticas diárias uma rotina pré-estabelecida. Os principais componentes dessa rotina são, rodas de conversa, atividades em folha, exploração do calendário, histórias, músicas, hora do brincar, e também há aulas complementares de educação física, artes e contação de histórias. A ênfase dada pelas três professoras sobre a organização do seu trabalho é a utilização do planejamento com base em um projeto norteador. Esse projeto abrange uma temática específica, que traz suporte para o desenvolvimento e elaboração das atividades a serem desenvolvidas com as crianças. Assim como aponta uma das professoras.

“eu tenho o planejamento que vai me orientando me norteando... então... ali tem meus objetivos o que eu quero que as crianças alcancem... tem o nosso projeto que a gente faz um projeto a cada bimestre e a partir disso então surge algumas anotações de cada criança... as crianças que tem mais... precisam de mais ajuda em algum quesito que não estão alcançando um objetivo daí a partir dessas anotações eu vou alterando modificando o planejamento para que todos possam alcançar os objetivos.”  
(PROFESSORA 1)

Os espaços e a maneira como eles estão organizados pelos professores e utilizados pelas crianças podem dizer muito sobre seus modos de pensar e agir. “A condição fundamental da organização desse ambiente deveria ser a harmonia, o colorido, a disposição de móveis e de objetos que convidassem as crianças a interagirem, a brincarem e trabalharem” (HORN, 2004, p.32) Buscou-se portanto entender quais são os principais espaços utilizados pelas crianças em suas atividades; bem como de que forma elas se apropriam desses espaços. Nesse aspecto ficou evidenciado que as professoras têm por hábito apenas utilizar a sala de aula tanto para brincadeiras como para atividades. A ida a parques faz parte da rotina, geralmente uma vez por semana além das aulas de educação física que costumam ser ao ar livre.

Sobre a organização dos espaços voltados a sala de aula, as professoras destacaram em suas falas que existem os espaços delimitados como do tapete, destinado as rodas de conversa, o espaço da prateleira na qual estão localizados brinquedos e jogos e também espaços mais pedagógicos como os das mesas para atividades e até mesmo o quadro. Uma das professoras destacou ainda que há um espaço para a exposição de atividades na parede e que há um espaço para guardar as produções do dia-a-dia.

O brincar na educação infantil além de ser uma base consolidadora de aprendizagem, pode dizer muito a respeito do pensamento e do modo de agir das crianças. “A criança, na realidade, é uma construção social, é um ser ‘que existe’ em plenitude no ‘aqui e agora’, produzindo enredos e inserindo-se em ‘cenários’ que, muitas vezes, não são feitos para ela” (Horn, 2004, p.26).

Nesse contexto, a visão do professor perante a apropriação do brinquedo feita pela criança e como ocorre a interação perante o brincar, podem ser agentes contribuintes para a compreensão das influências que estão presentes neste ato. Para tanto a abordagem feita sobre o brincar condiziam ao tempo disponibilizado, as preferências das crianças ao brincar, os brinquedos disponibilizados e a organização deles. Com as seguintes argumentações 9) Você disponibiliza um tempo para as crianças interagirem entre si de modo livre? Quanto tempo? 10) Se sim, o que elas costumam fazer nesse tempo e interação? Quais são as brincadeiras preferidas das crianças? 11) Há brinquedos na sala de aula ou um espaço destinado a eles? Como são organizados os brinquedos? 12) Como é organizado o momento do brincar?

Unanimemente as professoras responderam que todos os dias deixam um tempo destinado ao brincar, cerca de 45min para a interação das crianças. Além do tempo de brincar livre, em que as crianças escolhem com que querem brincar, há também as brincadeiras orientadas, com brinquedos e instrumentos estabelecidos pela professora. Como por exemplo massinhas, jogos e peças de montagem. Uma das professoras destacou que “há dias que as crianças criam algo para brincar sem, de fato, o brinquedo propriamente dito.” (PROFESSORA 2).

Como já salientado é por meio do brincar que a criança vai ampliando seu repertório de imaginação e possibilidades. As preferências das crianças nesses contextos dizem muito de seus pensamentos e opiniões. Nesse contexto se enfatiza por meio das falas da professora a influência dos estereótipos de gênero. Quando argumentado a brincadeira das crianças uma professora destaca

“de boneca **as meninas principalmente gostam de boneca**... né... e de tá... não só a boneca em si... mas de estar criando situações de brincar A eu sou a médica da boneca... eu sou a professora da boneca... eu sou mãe da boneca... inventar papéis assim.. e os meninos eles gostam muito assim... não de ter por exemplo o boliche e brincar de boliche... **Dá um outro papel para o brinquedo**... por exemplo assim... espada.. o negócio de boliche é uma espada ou o negócio do boliche serve para delimitar um espaço para jogar futebol para ser duas traves e jogar a bola no meio... coisas assim... [...]” (PROFESSORA 3)

Outra professora relata que

“**varia bastante**... tem criança que gosta de brincar.... de dinossauro tem criança que gosta de brincar de boneca de casinha.... tem criança que gosta de brincar de corrida de bola... então é::: bem isso assim... **eles acabam brincando menino com menina bem... uma interação bem legal que eles tem entre eles.**” (PROFESSORA 1)

Essas afirmações feitas pelas professoras apontam as principais ideias de Cyrce M.R. Junqueira de Andrade, obordas na obra de Oliveira (org) (1996, p.90) enfatizando que

as crianças brincam de boneca porque vão ser pais e mães? Por que vão ser pais os meninos podem brincar de boneca e as meninas de carrinho? Brincando estão traçando o seu destino? Não, as crianças brincam porque são hoje pessoas que vivem em um mundo onde estas e outras relações estão presentes.

A organização dos brinquedos é feita pelas crianças ou pela professora, mas segundo relatos seguem uma classificação.

“são as crianças que organizam... **a gente tem um espaço na estante para::: bonecas carrinhos eeee peças de encaixe de montar** [...]”. ““Existe um espaço... uma prateleira... eles são organizados... bem organizados pelos alunos...**não sou eu mais que faço a organização... são eles**... é separado... carrinhos... bonecas... carrinhos... locinhas... e os demais... outros diversos que tem a gente coloca em potizinhos”. (PROFESSORA 2)

Ambos os instrumentos, observação e entrevista, deram alguns subsídios fundamentais para atingir o objetivo de analisar como os espaços de educação infantil influenciam o brincar da criança com base nas questões de gênero em três escolas da Rede Municipal de Guabiruba – SC.

Percebeu-se que muitas vezes essa influência não é feita de maneira intencional, mas estão acoplados ocultamente no currículo da escola e refletem na maneira de agir e de pensar das crianças e professoras. A predominância visual, destacada pela classificação de cores (rosa para meninas e azul para meninos) se manteve presente também para classificar gênero. Outro aspecto que pode ser um fator contribuinte é a separação e organização de brinquedos, em que bonecas e carrinhos possuem lugares distintos na estante.

É válido reforçar que em momento algum, o intuito foi de julgar o que está certo e errado, mas sim de analisar o quão essas influências estereotipadas podem refletir no agir da criança. Além de, destacar que é preciso pensar, como educadores o quão estamos influenciando, negativamente ou positivamente a subjetividade e identidade da criança. Porque impossibilitar ela de utilizar do faz de conta, utilizar a imaginação, é impedir ela de se desenvolver!

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As mudanças e transformações recorrentes na sociedade e no modo de vida de pensar e agir das pessoas tem respaldo significativo na escola e no seu currículo. Consequentemente a escola, os professores e o contexto influenciam de maneira significativa, tanto positiva quanto negativamente no modo de agir e pensar das crianças.

Com base nos resultados obtidos por meio desta pesquisa, é possível considerar que os espaços que as crianças estão inseridas, geram influências sobre elas. Influências essas que podem, muitas vezes, serem ocultas e até mesmo involuntárias, mas que fazem parte do currículo e organização da escola. As cores do ambiente, o agrupamento de grupos em mesas, a divisão de brinquedos; são exemplos de práticas que são inclusas na rotina escolar.

Com o objetivo de mapear os espaços de educação infantil de três pré-escolas de Guabiruba, levantando suas principais características físicas e metodológicas foi possível considerar que as informações visuais por meio de cores e fichas, a organização de brinquedos e a divisão de mesas, foram os principais fatores encontrados que respondem a argumentação apontada no início do projeto de “Como os espaços de educação infantil influenciam o brincar da criança com base nas questões de gênero? ”

Por meio dessa argumentação foi possível considerar que há alguns fatores que repassam informações para o cotidiano infantil e muitas vezes não se têm a compreensão de seu vínculo com as questões de gênero. Mas, de alguma forma geram uma classificação ou até mesmo segregação de gêneros. Como apresentado na fala das professoras das preferências de brincadeiras das meninas por boneca e por meninos de jogos, ou até mesmo as fichas dos nomes das crianças com separação de meninos e meninas.

Como a criança não foi foco de estudo e sim os espaços a qual ela está inserida; não se pode ter uma análise aprofundada dessas influências no comportamento das crianças, e como ela age a partir dessas influências. Dessa forma certamente, esse é uma pesquisa que pode ter continuidade, ampliando novos caminhos e dando ênfase maior as influências comportamentais apresentadas pelas próprias crianças no ato de brincar, e como elas e o meio que ela está inserida lidam com isso; ficando aqui uma dica para possíveis novas pesquisas.

Se entende que a influência com base em questões de gêneros não é uma peculiaridade da escola, mas que a escola cria e reproduz ações vinculadas a aspetos históricos e culturais da própria sociedade. É muito comum nossos avós e pais ainda terem a concepção que a mulher deve cuidar do lar e o homem trazer o sustento da família. Isso aponta que ainda está incumbido na sociedade os papéis/funções do “homem” e da “mulher” que eram reforçados em décadas passadas, trazendo aspectos históricos e culturais vivenciados. Dessa forma, as influências não são observadas por aqueles que a reproduzem, por ser algo incumbido no modo de agir e pensar de muitas pessoas e apresentado de forma natural.

Nesse contexto a pesquisa pode trazer à tona essa visão aprofundada de pequenos detalhes que aparentemente são inofensivos ao desenvolvimento da criança. Esse olhar possibilitou o objetivo de discutir como a disciplinarização do brincar influencia as subjetividades das crianças através das questões de gênero. A disciplinarização permeia quando nós adultos direcionamos um espaço, um ambiente de tal maneira a interferir no modo de agir da criança. De quando muitas vezes não deixamos espaço para a criança explorar, criar e imaginar; rotulamos e edificamos pré-conceitos de suas ações.

Essa de fato é a maior reflexão que pesquisa quis trazer à tona, de analisar como nossas atitudes de adultos e educadores podem respaldar no comportamento e até mesmo na subjetividade de uma criança. A preocupação maior da pesquisa não foi de fato fazer julgamentos, mas sim se ter uma visão da amplitude que comportamentos estereotipados, entendesse aqui que comportamentos estereotipados são aqueles que julgam o que é certo ou errado, que devem seguir determinados padrões. Esses comportamentos empregados no currículo podem ser desencadeadores de reflexos futuros. Muitas vezes, como adultos fizemos

discriminações estereotipadas ao simples fato da criança brincar, desenvolver o ato de imaginar e criar possibilidades. Logo estranhamos se algum menino pede algo de cor rosa, ou se a menina pede de aniversário um carrinho, e até mesmo se usam alguma fantasia. Nos atentamos a pré-conceitos e deixamos de analisar, avaliar o quanto a criança pode estar evoluindo ou se desenvolvendo no simples ato de brincar.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Referencial Curricular. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil: introdução**. v.1. Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. Referencial Curricular. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil: formação pessoal e social**. v.2. Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUABIRUBA. Secretaria da Educação. **Diretrizes Curriculares Municipais**. 2016, 302p.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturista**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

MOYLES, Janet R. **Só Brincar? O papel do brincar na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MOYLES, Janet R. et al. **A excelência do Brincar**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisa, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses**. São Paulo: Pioneira, 1997.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. (Org). **Educação Infantil: muitos olhares**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1996.

PANIAGUA, Gema. PALACIOS, Jesús. **Educação infantil: resposta educativa à diversidade**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

PARAÍSO, Marlucy Alves. (Org) **Pesquisa sobre Currículos e Culturas: temas, embates, problemas e possibilidades**. Curitiba: CRV, 2010.

SANTA CATARINA. Proposta Curricular (1998) **Proposta Curricular de Santa Catarina: temas multidisciplinares**. Florianópolis, COGEN, 1998.

WAJSKOP, Gisela. **Brincar na pré-escola**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.